

# O LANCE MAIS FORTE

Evando Nascimento

UERJ — Educação

Um lance mais forte: um cavalo dispara sem rédea nem estribeira, um menino sobre a sela. No fim da ladeira, um galho atravessado, preso num tronco, coberto de limo antigo. O menino vê, e o medo remexe nas veias. O cavalo solto, li-v-r-e segue seu rumo na direção do perigo. O menino vê. O menino deita, Deus sabe porque, todinho, equilibrista improvisado no dorso do animal. Quanto mais teme, mais deita, na aproximação fatal do encontro. De súbito o cavalo passa, em cima o menino — por sobre os dois, o galho raspando as mãos, o ventre, o peito, o rosto delicado de criança desmamando. Após o susto, o cavalo pára, por sua própria razão de instinto (as bestas, como as máquinas, têm suas manias: algo nelas faz com que sempre estejam cumprindo destino mandado por deus-infante). O pai pergunta, se o menino. O menino erguido ainda nas costas do bicho, com os olhos espantados como se no escuro pedindo mamada à mãe — o menino olha seu corpo: suas mãos, seu ventre, seu peito, menos o resto que a vista não alcança mas que supõe inteiro. O menino vê, sobretudo, os restos de limo do tronco raspado involuntariamente; o menino, sem saber ainda direito o significado que certas palavras guardam — ele que só mais tarde consultará dicionários em busca de sentidos que expressem suas emoções — o menino antecipa a carga de sentimento contido na palavra  *piedade*. E tem. Piedade de si e por extensão de todos os que têm de passar por histórias de aflição. O menino, sem haver exatamente um motivo, chora um pranto convulso, de que o pai, sábio, ri, pela bobagem: não está vivo?!

— É que talvez, a partir de então, tudo o que de mais importante o menino viesse a experimentar não diferisse em grau nenhum da-

quela emergência, daquele desamparo. O lance de tal acontecimento: o tipo de uma sùmula das dificuldades a serem vividas posteriormente. Os fins vistos do começo. A vida às vezes não se justifica. Vontade de continuar, assim? Nenhuma. Razão não há, se inventa. É desse modo que, aprendendo a reinventar aos pouquinhos, não sem medo, o menino cresce e vinga. Quando um dia morre, deixa até nome inesquecido. E fim. Destino cumprido, aflição consumida até a borra de café no fundo da xícara. Até aqui ó, até o ã. E fim mesmo, que é o certo.